

O CONTO MARAVILHOSO NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS: UMA EXPERIÊNCIA COM FORMADORES DE FORMADORES

Milene Vargas da Silva Batista (UENF)
milenevargas@hotmail.com

Joane Marieli Pereira Caetano (UENF)
joaneiff@gmail.com

Eliana Crispim França Luquetti (UENF)
elinaff@gmail.com

RESUMO

No processo de formação dos formadores leitores, o professor é um grande influenciador, e igualmente, formador de gostos pela leitura, pois, se ele consegue dirigir o aluno, com certeza estará formando este aluno ao mesmo tempo, fora da sala de aula. Objetivou o estudo formar leitores críticos e competentes usuário da língua materna, bem como, subsidiar o trabalho dos discentes, futuros pedagogos, para um trabalho com leitura literária. Especificamente, consistiu em trabalhar, junto às alunas do curso de pedagogia do consórcio CEDERJ, conceitos de pedagogos, para um trabalho com leitura literária. Fundamentou-se teoricamente em autores como Miguez (2000), como ainda, Souza e Santos (2004) e Kleiman (2008, 2011). Este foi desenvolvido com um grupo de 20 alunas do curso de pedagogia do consórcio CEDERJ, no polo de Bom Jesus do Itabapoana, que no primeiro momento fizeram a leitura das três versões propostas do conto “Chapeuzinho Vermelho” e depois realizaram o cotejo entre as versões e, como produto final, foi realizada reescrita do mesmo, tentando abordar o ponto de vista de outra personagem. Concluiu-se que, é importante oferecer aos educandos dos cursos de formação de educadores, no caso os pedagogos, uma formação adequada para que as práticas pedagógicas adotadas ao longo do exercício da profissão junto à escolas, seja voltado para a formação de leitores críticos.

Palavras chave: Conto de fadas. Formação de pedagogos.
Chapeuzinho Vermelho. Formação de leitores.

1. Introdução

O trabalho tem como objetivo geral formar leitores críticos e competentes usuário da língua materna, bem como, subsidiar o trabalho dos discentes, futuros pedagogos, para um trabalho com leitura literária. Já os objetivos específicos consistem em trabalhar, junto às alunas do curso de pedagogia do consórcio CEDERJ, conceitos de conto maravilhoso ou de conto de fadas, e os elementos da narrativa (tempo, espaço, estrutura do enredo, funções do conto popular ou maravilhoso...).

Esta pesquisa fundamenta-se teoricamente em autores como Miguez (2000), com sua concepção de que a literatura é um elemento im-

portante, tanto na aquisição da leitura quanto na construção do leitor, como ainda em Souza e Santos (2004) que defendem a concepção estética da leitura literária, em oposição à concepção pragmática e Kleiman (2008, 2011) que diz que os conhecimentos prévios tanto linguísticos, textual quanto de mundo são essenciais para a formação do leitor.

O presente trabalho foi desenvolvido com um grupo de 20 alunas do curso de pedagogia do consórcio CEDERJ, no polo de Bom Jesus do Itabapoana, que no primeiro momento faziam a leitura das três versões propostas do conto “Chapeuzinho Vermelho” e depois realizava o cotejo entre as versões e, como produto final, foi realizado reescrita, do mesmo, tentando abordar o ponto de vista de outra personagem.

2. *Sobre o conto maravilhoso ou os contos de fadas*

Para alguns autores, o conto maravilhoso é aquele que apresenta o encantamento, isto é, elemento mágico utilizado, ou melhor, doado ao protagonista para que ele se salve das peripécias do mal. Assim, sob denominação “contos populares”, estariam aqueles em que não há elemento mágico, e a própria sagacidade do personagem que o salva das garras ou armadilhas do mal. Considera-se, nesse trabalho, a teoria de D’Onófrío, que denomina de “conto popular ou maravilhoso”, pois “reflete as inclinações do ser humano para o maravilhoso, visto como natural”.

Cada vez que se fala ao se eleger um signo, automaticamente, faz-se uma série de seleções, com eleição de significados diferentes e assim, novos caminhos são criados, caminhos estes, que impõem novas formas de ler o mundo e por ele ser lido.

Deste modo, o imaginário, que se constitui no ver do homem, pode ser estudado *in medias res*, partindo da escrita de Charles Perrault, pois, acredita-se que, por meio da estória proposta para estudo, no caso, o conto de “Chapeuzinho Vermelho”, é possível entender como ocorre o processo evolutivo da linguagem, como pode ser interpretado e como se pode ganhar significado.

Sabe-se que, nos contos de fadas, há a possibilidade de se ter contato com a linguagem, produzida pelo ser humano de maneira bem elaborada. A pesquisa o caráter pedagógico do conto de fadas, este determina comportamentos socioculturais. Percebe-se que em “Chapeuzinho Vermelho”, o modo com que os signos são colocados pode levar o leitor à

incorporação de lições de moral recomendadas pelo texto desigualmente lido em diversas épocas.

Ao engendrar uma narrativa com dupla natureza, a natural e a extraordinária, em convívio, a ficção adéqua também seus elementos singularizantes a essa dupla demanda. Normalmente, um conto de fadas começa, pelo “Era uma vez [...]”, que quer dizer que os elementos tempo e espaço se tornaram indeterminados: um castelo distante, uma floresta, uma história que se passa há muitos e muitos anos. Do mesmo modo, são afetados os nomes dos personagens e sua natureza: há burros que falam, espigas de milho que são mestres em sabedoria, sapos que viram príncipes. Nada é muito preciso nem exato ou localizável dentro do padrão de conhecimento do real cotidiano.

Pelo maravilhoso, convivem de tal maneira os seres humanos com os seres de outra natureza, também participantes da história, que se tornam, eles também, naturais, ainda que conservem suas qualidades excepcionais. A condição para que esses fenômenos se integrem na narrativa é a de que obedecem ao princípio da não contradição: nada impede que tais fenômenos excepcionais convivam em harmonia com os fenômenos naturais.

Assevera Freire (2007, *apud* ALMEIDA, 2009):

[...] ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar suas palavras sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não é só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro de uma perspectiva, é também libertar-se. Ler é um processo dinâmico no qual o leitor e autor interagem mediados pelo texto. Quando alguém lê, tem a possibilidade de inferir dados e situações, refletindo após o ato de ler. (FREIRE, 2007, *apud* ALMEIDA, 2009, p. 29)

Em 1697, Charles Perrault traz a público, histórias ou contos do tempo passado, com suas moralidades, que é uma coletânea de contos populares que chegaram a seu conhecimento através da oralidade, pelos seus servos que na época se integraram à vida doméstica. Vincula-se a ele o início da literatura infantil com os “Contos de Mão Gansa”. Ganham, então, forma editorial as seguintes histórias: “A Bela Adormecida no Bosque”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Gato de Botas”, “As Fadas”, “A Gata Borralheira”, “Henrique do Topete” e “O Pequeno Polegar”.

As histórias escritas pelos irmãos Grimm defendem valores como a bondade, o trabalho e a verdade. Em seus contos, as pessoas bondosas

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

são premiadas e as maldosas são castigadas. Nem sempre isso ocorre na vida real, mas, na literatura destes autores, quem merece sempre ganha um final feliz. Já nesta versão de Charles Perrault, o desfecho da história é um pouco diferente. Chapeuzinho não tem um final feliz, pois, acaba devorada pelo lobo, assim como sua avó.

No quadro 1, observa-se que para diferentes autores, o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho” é apresentado sob uma visão diferenciada, com diferentes linguagens e versões.

CHARLES PERRAULT	IRMÃOS GRIMM	PEDRO BANDEIRA
A história começou com "Uma linda menina".	A história começou "Era uma vez uma linda menininha".	A história começou com "Há muito tempo, havia uma menina "Chapeuzinho Vermelho".
O lobo sabe o nome de Chapeuzinho Vermelho.	O lobo conhece a menina (sabe seu nome).	O lobo pergunta o nome da menina.
Ninguém salva Chapeuzinho e sua avó. Não há salvador.	Um personagem salva a avó e a menina. Presença do caçador.	Um personagem salva a avó e a menina. Presença do lenhador
Chapeuzinho tem uma capa vermelha com capuz.	A menina usa um capuz vermelho de veludo.	Chapeuzinho veste uma capinha vermelha.
O título da história é "Chapeuzinho Vermelho".	O título da história é "Chapeuzinho Vermelho"	O título da história é "Chapeuzinho Vermelho e o Lobo-Mau".
Não há conversa do narrador com o leitor.	O narrador não conversa com o leitor.	Na história, o narrador conversa com o leitor.
O lobo apareceu para a menina.	O lobo não se disfarça para conversar com a menina.	O lobo disfarça-se de vento.
O narrador não dá detalhe do lobo disfarçado em avó.	O narrador somente diz que o lobo se disfarça de vovó.	O narrador relata detalhadamente o disfarce do lobo em vovozinha.
A mãe de Chapeuzinho manda pão francês e um pote de manteiga.	A menina leva pedaço de bolo e vinho.	Chapeuzinho leva brioches entre outros doces.

Quadro 1 – Quadro comparativo do conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”, sob a visão de diferentes autores

A literatura é um importante elemento tanto para o processo de aquisição da leitura como para a construção do leitor. Estudos têm demonstrado a importância da leitura literária na escola e com base em análises metalinguísticas de alguns textos literários voltados ao público infantil que ressaltar que “o texto literário criativo/criador, acena para a liberação do imaginário do leitor, estimulando a participação dele na história, no exercício lúdico de ler o mundo”. (MIGUEZ, 2000, p. 32)

Por conseguinte, é à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários:

[...] as diferentes sensibilidades, os valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos e suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apoiar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p. 106)

Também Souza e Santos (2004) discutem a questão da literatura nas séries iniciais ao defender a concepção estética da leitura literária em seu artigo “A leitura da literatura infantil na escola”, em contraposição à concepção pragmática que ainda existe nas escolas. Segundo as autoras supracitadas, percebe-se essa visão escolar quando circulam nas salas de aula uma seleção de textos que, cujas obras comumente são consideradas pedagogizantes, totalmente desprovidas do caráter estético com a linguagem. E que, por conseguinte, sugerem a mudança de posicionamento do professor, que se sinta “desafiado diante dos “objetos de leitura”, o que constitui uma alternativa para se mudar o ensino da leitura na escola, introduzindo, deste modo, o texto literário, de forma a proporcionar uma relação dialógica entre texto e leitor.

3. O formador de formadores leitores

Ultimamente, o termo pedagogo é empregado para identificar o profissional cuja formação é a pedagogia, graduação que no Brasil e que, por parte do Ministério da Educação (MEC) é um curso que cuida dos assuntos referentes à educação, deste modo, se trata de uma licenciatura, cujo currículo e horário-curricular atual estipulada pelo MEC afere ao pedagogo, de uma única vez, as habilitações em educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos, coordenação educacional, gestão escolar, orientação pedagógica, pedagogia social e supervisão educacional. Portanto, “a ideia seria a de formar um novo professor, capacitado inclusive para exercer funções de direção, supervisão etc”. (LIBÂNEO, 2000, p. 39)

Quanto ao seu objeto de estudo o pedagogo, não possui um conteúdo intrinsecamente próprio, o enfoque que lhe é dado é o processo de ensino e aprendizagem. E ao estudar a educação como prática humana e social este profissional estuda o processo de transmissão do conteúdo da mediação cultural, que é o ensino, e que se torna o patrimônio da huma-

nidade, e o processo pelo qual a apropriação desse conteúdo acontece que é a aprendizagem.

Conforme Leite (2008, p. 17) é necessário que os cursos de formação de professores se “organizem de forma a possibilitar aos docentes, antes de tudo, superar o modelo de racionalidade técnica para lhes assegurar a base reflexiva na sua formação e atuação profissional”. Isto é, o perfil almejado para o pedagogo é o de que seja um profissional com uma concepção histórico-social cultural, que possibilite formular uma práxis que articule conhecimentos abstratos à uma prática concreta do cotidiano.

No processo de formação dos formadores leitores, o professor é um grande influenciador, e igualmente, formador de gostos pela leitura, pois, se ele consegue dirigir o aluno, com certeza estará formando este aluno ao mesmo tempo, fora da sala de aula. Conforme as *Orientações Curriculares Nacionais* (OCNEM, 2006): "cabe à escola, junto com os professores, precisar os conteúdos a serem transformados em objetos de ensino e de aprendizagem bem como os procedimentos por meio dos quais se efetivará sua operacionalização". (OCNEM, 2006, p. 35)

Assegura Miguez (2000) que em um processo de leitura e de formação de leitores, ao se abordar o tema da leitura, ou melhor, da descoberta da leitura pelos pequenos leitores, a escola deve ser um agente promovedor da vivência leitora, pois, muitas vezes o único espaço em que o aluno tem contato com os livros e com a leitura é o da escola, de modo a, abordar a questão de como o ambiente escolar pode promover o “encontro prazeroso do livro com o leitor”. Consequentemente, esse encontro só pode ser propiciado, se for considerada a leitura como um ato individual, e não como dever escolar.

Assim sendo, nesse processo de formação de formadores leitores, o desafio apresentado aos professores como proposta metodológica é fazer com que a criança, não apenas aprenda a ler, mas, que esse leitor, não fique exclusivamente nesta esfera, todavia, que de fato, saia desta condição, e torne-se um leitor comprometido e apaixonado pela leitura; cujo propósito é o de evitar o triste quadro de leitores capacitados, que ignoram a leitura e sua eficácia. E para se combater esse processo de rejeição à literatura, é imprescindível conduzir as crianças para a prática da leitura, por conseguinte, só será possível ter este gosto pela leitura, a partir do momento em que a instituição escolar e a família andem juntas, na mesma direção e com o mesmo objetivo.

Afirma Maricato (2005, p. 18) que “quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de ela gostar de ler”. Deste modo, o incentivo à leitura tem início na infância, quando ainda seus hábitos estão começando a se formar. É mediante o contato com livros que a criança tem a chance de despertar e perceber o prazer que a leitura pode produzir.

Para uma maior possibilidade da criança se tornar leitora, tem os pais um papel de fundamental importância, pois, são eles que devem iniciar o processo do relacionamento da criança com os livros. Indubitavelmente, é dever da família e do educador excitar no educando o interesse pela leitura, uma vez que, tanto a escola quanto a família tem papel importante na formação de alunos leitores. Certamente, quando a criança que tem contato com a leitura em casa, as chances de se tornarem leitoras ampliam.

O prazer pela leitura deve se iniciar de forma espontânea começando pelo despertar no ambiente familiar através do exemplo dos pais, pois,

[...] a leitura não é tarefa apenas da escola. E por isso também que a formação dos professores deve incluir contato com os pais, com biblioteca de bairros e de empresas com associações, de maneira a estabelecer intercâmbio entre as ações de informações e formação. (FOUCAMBERT, 1994, p. 11)

Incentivar o hábito pela leitura é responsabilidade de todos os que estão ligados absolutamente com a educação, ao contrário do que muitos pensam; não compete apenas à escola, mas, principalmente à família. Através de projetos de leitura, a escola, pode envolver a todos, e em uma união dos pais, da comunidade e das empresas que tenham interesse em investir na educação, seduzir o leitor. Portanto, só será possível a partir do momento em que instituição escolar e família andem juntas na mesma direção e com o mesmo objetivo.

Sabe-se da importância de uma mudança radical, no modo de se trabalhar a leitura, dentro e fora da escola, contudo, para que isso possa ocorrer, seria apropriado se a gestão escolar e os professores buscassem despertar para o efeito que ela pode produzir no desenvolvimento intelectual, emocional e social dos seus alunos. Os professores, no processo de formação devem se conscientizar de que ensinar apenas o ensino sistemático, isto é, o método formal, provocará nos alunos um desinteresse pela leitura e sem nenhuma disponibilidade para a investigação de novos conhecimentos. E logo, a escola estará formando alunos voltados somente

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

para a realização de avaliações, almejando meramente alcançar bons resultados.

Como desafio aos professores deve-se fazer com que a criança não somente aprenda a ler, que esse leitor, não fique apenas nesta esfera, mas que de fato saia desta condição, e torne um leitor comprometido e apaixonado pela leitura; evitando o triste quadro de leitores capacitados, que ignoram a leitura e sua eficácia. E para se combater a literatura é necessário conduzir as crianças para a prática da leitura.

Ressaltando ainda, a importância da literatura infanto-juvenil na sala de aula, e também da metodologia de ensino de leitura é relevante tanto para o processo ensino e aprendizagem quanto para o despertar do prazer em ler, que se utilize técnicas e recursos atrativos e incentivados, que levem a um processo reflexivo crítico e de amadurecimento intelectual.

Segundo Dohme (2003):

[...] sem dúvida, pensando no cidadão de amanhã, uma das maiores preocupações dos professores e até mesmo dos pais é de formar um homem e uma mulher que sejam críticos, que tenham capacidade de analisar o que está à sua volta, de avaliar o que está de acordo com seus princípios e o que não está e de tomar decisões de acordo com as suas próprias convicções. (DOHME, 2003, p. 21)

Assim sendo, as histórias fornecem um contexto com o qual se pode trabalhar de diversos modos, fazendo com que as crianças sejam convidadas a criarem. As crianças adoram ouvir histórias e querem sempre ouvir mais e mais, isso se dá pelo prazer que elas têm de ouvir histórias e também, pela situação de aconchego que estas representam. Estas são excelentes veículos para a transmissão de valores, porque dão contexto a fatos abstratos, difíceis de serem transmitidos isoladamente.

Nos contos de fadas, não tem nada melhor para que a questão do incentivo, da reflexão e da imaginação possa ser desenvolvida. A criança necessita de um estímulo para facilitar a sua aprendizagem. Assim, poderá se comunicar, exteriorizando sua vida e impulsionando seus pensamentos. Nesse período, pode transformar o mundo real em função de seus desejos e fantasias e posteriormente, utilizar essas fantasias como referencial para aplicação em sua realidade, em sua própria atividade, ao seu eu e às suas leis morais.

É na literatura infantil que se pode encontrar um gênero importante no trabalho com a leitura, que é o narrativo, e seu enredo é bem sim-

ples, rápido e preciso. Com características próprias: “Era uma vez [...]”, “Num reino encantado [...]” “Num lugar não muito distante [...]” Essa forma narrativa significa um início, um meio e um fim e faz com que a criança compreenda a existência de um tempo, um tempo que não é o seu, um tempo imaginário.

Abramovich (2006) ressalta que:

[...] os contos também conseguem deixar fluir o imaginário, levando a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, mediante, os problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história. É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH 2006, p. 19)

Portanto, os contos desempenham a função de expor pela criança as suas fantasias, já que elas provocam medo, desejos e perigos. Com estes, as fantasias são expostas pela boca dos personagens. Entretanto, somente como fantasia do outro e não como minha.

Por fim, os estudos de Kleiman (2008, 2011), apresentam que é fundamental que a leitura seja precedida da ativação dos conhecimentos prévios – linguístico, textual e de mundo, considerando que, no ato de ler, o leitor movimentará os conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida que interatuam entre si e com o texto, para a construção de sentido. Destarte, sem a intensificação desses conhecimentos prévios, não existe compreensão.

Outro fator necessário que o formador de leitores deve atentar diz respeito ao estabelecimento de objetivos à leitura que não só fará com que o leitor compreenda o que está lendo e atribua um sentido ao texto; como ainda, contribuirá na formulação de hipóteses, que serão processadas no decorrer da atividade de leitura.

4. Considerações finais

O estudo objetivou enfatizar a importância de se oferecer aos educandos dos cursos de Formação de educadores, no caso os pedagogos uma formação adequada para que as práticas pedagógicas adotadas ao

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

longo do exercício da profissão junto a escolas, no processo ensino e aprendizagem, seja voltado para a formação de leitores críticos.

É importante destacar que grande parte da população mundial não adquiriu o hábito de ler por prazer e muitos só leem por obrigação ou por alguma forma de recompensa oferecida por alguém. Assim, o primeiro contato de uma criança com os livros ocorre no ambiente escolar, sendo de grande responsabilidade do professor enquanto formador de futuros leitores: influenciar seus alunos, tornando-se um exemplo para eles, isto é, um professor que realmente ame os livros e a leitura.

É também dever do professor proporcionar aos alunos um ambiente adequado para a leitura, além, obviamente, de livros adequados para a faixa etária da turma, e em grande quantidade, utilizando-se até mesmo, de uma estratégia válida, que é a de reservar um tempo para que os alunos explorem esses materiais, proporcionando também a eles, a liberdade de escolha.

Conclui-se que a literatura infantil, desde seu surgimento provocou grande impacto diante do público infantil. De início, como função, o conto de fadas era a de moralizar as crianças, transmitindo-lhes valores. Até hoje em dia, alguns professores empregam os contos de fadas como método de moralização, erroneamente. Essa atitude pode desmotivar o pequeno leitor a procurar outras obras, ou seja, pode desmotivá-lo a ler por prazer.

Ainda pode-se apresentar como considerações finais a importância da metodologia de abordagem da leitura, à qual deve apresentar propostas criativas e contextualizadas, pois, caso contrário perde o significado para o aluno e passa a ser cansativa. Ressaltando que, não se têm fórmulas prontas que garantam o sucesso do professor em sala de aula quando o trabalho é voltado para a aquisição de leitura. Na verdade, a sala de aula tende a se transformar em um amplo laboratório no qual as experiências serão praticadas e rejeitadas, conforme não apresentem os resultados almejados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosura e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ALMEIDA, Fernando José de. *Folha explica Paulo Freire*. São Paulo: Publifolha, 2009.

BANDEIRA, Pedro. *Chapeuzinho e o lobo mau*. São Paulo: Moderna, 2012.

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias, vol. 1. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2006.

COELHO, Nelly Novais. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

_____. *O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

DOHME, Vania D'Angelo. *Técnicas de contar histórias: pais: um guia para os pais contarem histórias para seus filhos*. São Paulo: Informal, 2003.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. *Os contos de Grimm*. Trad.: Tatiana Belinky. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

_____; _____. *Contos e lendas dos irmãos Grimm*, vol. V. Trad.: Ísido M. Bonini. São Paulo: Edigraf, 1961.

_____; _____. *Chapeuzinho Vermelho e outras histórias*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.

KLEIMAN, Ângela B. *Oficina de leitura*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2008.

_____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14. ed. Campinas: Pontes, 2011.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. 13. impr. São Paulo: Ática, 2008.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. *Formação de professores: caminhos e descaminhos da prática*. Brasília: Líber Livro, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACHADO, Irene A. *Literatura e redação*. 1. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

MARICATO, Adriana. O prazer da leitura se ensina. *Revista criança do professor de educação infantil*, Brasília, n. 40, p. 18-26, set. 2005. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf>>. Acesso em: 05-09-2015.

MIGUEZ, Fátima. Reflexões sobre a prática literária no ensino básico. In: *Nas artes-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zeus, 2000, p.17-32.

OLIVEIRA, Rui. *Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem*. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2002.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. 1. ed. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2002.

PROPP, Vladimir I. *Morfologia do conto maravilhoso*. 2. ed. Trad.: Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira de; SANTOS, Caroline Cassiana Silva dos. A leitura da literatura infantil na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004, p. 80-90.